



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao assentamento Nossa Senhora Aparecida Castilho-SP, 27 de janeiro de 2006**

**Jornalista:** Presidente, o senhor recebeu algumas críticas lá em Caracas, em relação ao desemprego e tal. Essa pesquisa do IBGE foi uma resposta para isso?

**Presidente:** Veja, eu penso que as pessoas vão se acostumando aos poucos que o que está acontecendo no Brasil, nós estamos dizendo, aqueles que são pessimistas vão perder o discurso porque as coisas estão acontecendo. O ano de 2006 será um ano muito importante e o dado do IBGE veio apenas confirmar o quê? Confirmar o crescimento médio do salário, confirmar a queda do desemprego e o aumento do emprego com carteira assinada. É tudo que nós queremos.

Agora, ninguém pode fazer isso por milagre. Isso tem que ser construído e nós estamos construindo com muita tranqüilidade. Por isso eu estou muito otimista para 2006. Eu acho que o Brasil vai crescer bem, acho que vai gerar muitos empregos, acho que os salários vão continuar crescendo. É só ver o que aconteceu com o salário mínimo. É a primeira vez na história que os sindicatos e o governo fazem um protocolo de intenções sobre o salário mínimo. Isso nunca aconteceu e para mim é um avanço extraordinário na relação Estado e sociedade.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Não significa nada. Significa apenas que apenas cumprimos com nossos compromissos com os trabalhadores que ganham salário mínimo. A



questão da eleição vai se dar mais para a frente, ela vai passar pelos partidos políticos. Eu vou repetir apenas o que eu tenho dito: eu tenho que governar o Brasil até o dia 31 de dezembro. Se eu tiver que ser candidato ou não a decisão só precisa ser tomada depois da convenção oficial do partido. Portanto, até lá eu vou viajar o Brasil. O que não pode é alguém tentar impedir que eu viaje para fazer as coisas. Não é possível.

**Jornalista:** Mais quatro anos seriam interessantes?

**Presidente:** Veja, eu não tenho nenhum direito de dizer isso. Veja, eu já tive a oportunidade, Deus já foi generoso comigo, já me deu quatro anos de mandato. O que eu quero é cumprir bem o meu mandato. Vamos esperar passar o tempo para ver o que vai acontecer no Brasil.

**Jornalista:** Com esses três anos e o que o senhor pode fazer até o final desse ano, isso satisfaz o senhor?

**Presidente:** Satisfaz. Obviamente que se a gente for olhar sempre para as nossas perspectivas, ou seja, você pode trabalhar 10 anos que você vai precisar trabalhar mais 10, mais 10, mais 10 e você não completa tudo que você precisa fazer. Mas os resultados, se você quiser comparar na questão econômica, você pode escolher a década de 50, a década de 60, a década de 70 e você vai comparar que nunca teve, em momento algum na história econômica do Brasil, que nós tivéssemos tantos fatores positivos combinando entre si.

O resultado disso o que vai ser? Crescimento econômico, crescimento da economia, geração de empregos, distribuição de renda. Agora, para isso nós temos que ter tranquilidade. Se a gente ficar tomando decisão por manchete de jornais, por discurso de oposição, ou por palpites, você não faz



nada. Então, o que nós precisamos é tranquilidade. Ter tranquilidade porque temos o seguinte: o Brasil está bem cuidado, o Brasil está numa situação, eu diria, privilegiada hoje, tanto na sua relação internacional quanto na sua relação interna. Os empresários estão confiando no Brasil, os trabalhadores estão confiando e é tudo que nós precisamos.

**Jornalista:** O governo pode pedir mais Presidente, os servidores da Previdência, para poder convocar novos servidores da Previdência, já que uma vez que esses 1000 ainda não surtiram efeito?

**Presidente:** Veja, nós temos problemas porque quando você decide fazer uma coisa como melhorar a Previdência para acabar com as filas, nós tivemos que comprar 26 mil computadores, nós tivemos que fazer a Previdência funcionar até as 18 horas para praticamente dobrar a jornada de trabalho, isso leva um tempo. Mas o que nós queremos é fazer com que a pessoa só se dirija a uma central do INSS quando ela tiver necessidade, porque a maioria das informações poderão ser feitas por telefone. Nós estamos preparando, estamos fazendo um bom censo, um bom censo, tremendo, que nós vamos apurar o que tem na Previdência Social...

**Jornalista:** Novas convocações estão descartadas?

**Presidente:** Veja, vai depender do Ministro da Previdência. Ele até agora não me pediu mais. Ele agora quer primeiro alocar os que foram contratados, quer instalar todos os computadores que nós compramos, vai montar *call center* para que a gente possa agilizar os atendimentos dos nossos beneficiários do INSS e aí, se a cada mês faltar uma coisa, vamos tentar fazer. Porque o que nós precisamos é, definitivamente, dar uma resposta ao sofrimento do povo que às vezes quer saber se tem direito à aposentadoria ou não, fica três horas



numa fila, ou às vezes um cidadão que quer um especialista para fazer uma perícia médica, o que se marca é oito ou nove meses depois. É com isso que nós queremos acabar e vamos acabar.

Só que não dá para fazer de uma única vez, ou seja, se eu pudesse anunciar de noite e de manhã já estar tudo pronto seria o melhor dos mundos, mas não dá. O que nós precisamos é assumir compromisso com a sociedade e começar a fazer, estamos fazendo.

**Jornalista:** Presidente, o resultado pelo fim da verticalização agradou o senhor?

**Presidente:** Olha, não é que agradou a mim. Eu particularmente nunca vi vantagem na verticalização. Eu digo sempre o seguinte: aliança política não é bigamia, ou seja, se as pessoas quiserem apoiar, apóiam. Não precisa ter um contrato que tem que ser de cima, de federal ou municipal, não. Vamos deixar as pessoas livres para escolher. Eu vou ser muito franco com os partidos, tenho sido franco com os partidos. Eu não quero que ninguém me apóie obrigado, pelo contrário, nem antes, nem depois, nem dia...se a gente vai fazer um acordo político com alguém, é muito melhor uma decisão política e as pessoas cumprirem do que um protocolo e as pessoas não cumprirem. Eu já vi tantos, eu já vi tantos presidentes da República serem candidatos com muitos partidos apoiando e terem só 2% de votos, 3% de votos que eu acho que isso não vale muito ser levado em conta.

**Jornalista:** Então o senhor quer restringir as coligações?

**Jornalista:** A reunião de ontem, FHC, Tasso e Aécio preocupou o senhor?



**Presidente:** Não, primeiro porque seria difícil eles não se reunirem, são do mesmo partido. Seria anormal se eles não tivessem se reunido. Eu acho que eles têm que se reunir, acho que a oposição pode e deve ajudar a contribuir com o Brasil. O Congresso Nacional tem tido um comportamento que às vezes parece polêmico, mas as coisas importantes são votadas. Esta semana mesma o Congresso votou coisas importantes. Vocês não podem esquecer que foi aprovado o Fundeb, antes de ontem, que é uma coisa extremamente importante, vai ser uma revolução no ensino básico do Brasil, porque nós vamos poder atender de creche até o ensino médio. Serão 4 bilhões e 300 milhões a mais na educação brasileira nos próximos quatro anos. Aprovou a Super Receita que é uma coisa muito importante, aprovou o fim da verticalização, que é uma coisa importante e outras coisas importantes. Vão aprovar agora a Lei-Geral da Micro e Pequena Empresa, que é importante para o Brasil...

**Jornalista:** Presidente, e a ponte rodoferroviária, a liberação da verba?

**Presidente:** Veja, nós vamos discutir... eu recebi uma série de reivindicações. Eu vou dar uma discutida para ver o que a gente pode fazer no tempo. Eu tenho que conversar com os ministros da área. Eu não posso receber uma reivindicação e dar uma pronta resposta sem saber o que está acontecendo no Ministério.

**Jornalista:** Senhor Presidente, e sobre o Palocci ontem, como é que o senhor vê?

**Presidente:** Eu acho que vocês... eu não tenho dúvida de que o Palocci é aquilo que ele foi ontem. O Palocci é um monumento de sinceridade, é um monumento de inteligência e eu acho que quem assistiu saiu convencido de



que o espetáculo que a CPI queria dar não aconteceu porque o Palocci foi muito sincero, muito honesto e muito digno.

**Jornalista:** Presidente, além do senhor, dentro do PT, quem o senhor acredita que possa disputar a Presidência, caso o senhor saia candidato?

**Presidente:** Se não tiver, aparece.

**Jornalista:** Presidente, o senhor apresentou vários números positivos do governo. Agora, um especial chama a atenção que é da dívida interna do país que está desfavorável. O senhor poderia fazer algum comentário?

**Presidente:** Não, não está. O problema da nossa dívida interna está equacionado porque a política fiscal está equacionada. Nós tínhamos problemas na dívida interna quando a gente tinha 47% dolarizada, que ela oscilava de acordo com o câmbio, mas agora não. O problema é que nós estamos comprando... compramos muitos títulos em dólares, alongamos o perfil da dívida porque compramos títulos pré-fixados, o que é muito importante e vamos continuar fazendo. A economia, veja, a economia está sólida, pode ter certeza que a economia está sólida, os investimentos estão acontecendo. Ainda ontem eu recebi, às 10 horas da noite, um telefonema da Vale do Rio Doce, dizendo: Presidente, a nossa crença no Brasil é que este ano a Vale do Rio Doce vai investir 11 bilhões e 600 milhões de reais no Brasil, gerando 137 mil novos empregos.

**Jornalista:** Mas o país superou de novo a meta de superávit primário, foi além da meta, isso não atrapalha?



**Presidente:** Não tem como você acertar precisamente. Eu fiquei até o dia 30 de dezembro trabalhando para ver o dinheiro que ia entrar. Acontece que entra dinheiro até meia-noite e calhou este ano de o dia 1º ser no sábado. Então, no dia 31 era feriado, não deu. Mas eu, agora, nas próximas vezes, ficarei até o dia 31 à meia-noite para pegar todo o dinheiro. Nós empenhamos muitos restos a pagar, mesmo assim alguns Ministérios não conseguiram empenhar a totalidade. Mas isso também não faz nenhuma diferença. O que é importante é que nós começamos o ano com muito dinheiro investido. Só para estradas nós temos 3 bilhões, mais 6 bilhões no orçamento, ou seja, nós estamos tranquilos. Esperamos que o Congresso Nacional vote o orçamento, porque é praxe da democracia, o mais rápido possível.

**Jornalista:** A posição da Colômbia pode complicar aí a relação diplomática entre os dois outros países, em relação à Petrobras?

**Presidente:** Não. Muito pelo contrário. Da Bolívia?

**Jornalista:** Isso, da Bolívia?

**Presidente:** Não, não tem problema não.

**Jornalista:** Como o senhor recebeu a aprovação por parte do Conselho de Ética da cassação do professor Luizinho? Deputado de seu partido?

**Presidente:** Você sabe porque é difícil a gente dar opinião, porque eu não sei qual foi o debate que houve. Eu, depois que conversar com os deputados que participaram do debate, eu poderei até dar opinião para você. Eu lamento, porque o Luizinho é uma figura tão digna, tão decente, ou seja, eu não sei. Agora, se julgaram que ele cometeu um erro, ele vai ser julgado pela Câmara.



**Jornalista:** (Inaudível)

**Presidente:** Aí não é posição minha, aí é posição da Comissão de Ética, onde eu, teoricamente, não tenho nenhum deputado.

Gente, muito obrigado.